
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

APRESENTAÇÃO

INTERTEXTUALIDADES LITERÁRIAS

Os diálogos literários existem desde sempre e em cada momento da história eles encontraram denominações e conceituações diferentes: no século XVII a retomada dos autores da Antiguidade greco-latina era chamada de **emulação** e correspondia não somente a uma homenagem aos grandes, tais como Ésquilo, Sófocles e Aristóteles, dentre outros, como também à ideia de justeza e exatidão formais que as convenções morais da época exigiam. Já no século do Romantismo, mesmo que a originalidade tenha passado a ocupar o centro dos valores literários, as **influências** encobriam, sob o império do sujeito, suas referências literárias, indispensáveis para a escrita “original”. No início do século XX, Paul Valéry reconheceu que “o leão é feito de carneiro assimilado”, colocando em relevo os bastidores da criação literária, o que acarretou o recentramento dos textos pré-existentes na dinâmica da construção da obra literária. Nos anos 60, o nascimento do conceito de **intertexto** e o Textualismo só fizeram reforçar o protagonismo preconizado pelo poeta francês à matéria-prima da construção literária, a própria literatura. Essa tendência se revela duradoura até o tempo presente: a literatura ainda se alimenta predominantemente de literatura – embora não só.

Contudo, a vigência do conceito de **intertextualidade**, que em breve atingirá seus sessenta anos de história, já comporta sua própria crítica: surgido a partir dos estudos de Julia Kristeva sobre a obra de Mikhail Bakhtin, o conceito passou por certo processo de banalização, tornando-se, muitas vezes, generalizante. Por conta de sua imprecisão teórica, foi alvo de desconfiança por parte de muitos estudiosos, mas, ao mesmo tempo, também despertou o interesse de vários outros. Desse modo, se para alguns a noção de intertextualidade está fatalmente ancorada na ideia de imitação, como nos tempos da emulação, para outros, ela resolve o problema de uma crítica atrelada em demasia à ideia de influência.

Tendo em vista o último avatar do conceito, rico de sua história e de seus questionamentos atuais, este número da *Terra Roxa e Outras Terras* se interroga sobre

a situação das intertextualidades literárias e seus usos pela crítica em proveito de análises que lançam luzes ao mesmo tempo sobre a fatura das obras e suas relações com outros textos.

Bem a propósito, o escritor português Gonçalo M. Tavares, em suas palestras, habitualmente retoma um costume cigano para exemplificar seu processo produtivo. Segundo o autor, os ciganos de outrora, “ao chegarem a uma encruzilhada e dobrarem para a direita, deixavam (...) uma maçã pousada num moirão próximo, sinalizando o local para os carroções que viriam no encalço. Como a maçã amadureceria durante o tempo em que estivesse ali, tratava-se também de um marco temporal, pois além da rota seguida o estado da maçã indicava há quanto tempo a família passara por aquele local. Os familiares, então, que encontrassem a maçã, poderiam decidir, com livre arbítrio, se tomariam ou não o mesmo rumo, mas abraçariam tal decisão conscientes dos passos seguidos por quem os antecederam”.

O costume é tomado pelo escritor como uma metáfora da História literária, e a maçã, como marco de direção e temporalidade, tal como podem ser lidas as referências intertextuais dentro das obras literárias: são maçãs que os autores deixam para trás durante a escrita, sinalizando seu percurso para aqueles que se aventuram a segui-los. Na mesma direção vai Tiphaine Samoyault, para quem a intertextualidade é “a memória que a literatura tem de si mesma”. Nesse sentido, Ítalo Calvino se lembra de *Dom Quixote*, Borges, do clássico argentino de Hernandez, Balzac, dos jornais de seu tempo, Alain Resnais se lembra do teatro de Jean Anouilh, Clarice Lispector, de Katherine Mansfield, Márcio de Souza, de Conan Doyle, Lídia Jorge se lembra de William Faulkner e o próprio Gonçalo M. Tavares se lembra de *Os Lusíadas*.

Em “Paladinos e paródias: Aguilulfo e Quixote”, os dois cavaleiros do título, protagonistas de *Dom Quixote*, de Cervantes, e de *O Cavaleiro inexistente*, de Calvino, são colocados lado a lado para destacar a intertextualidade paródica em dois graus: a paródia dos romances de cavalaria presente na obra de Cervantes e a paródia dessa paródia, desenvolvida no livro de Calvino.

“Intertextualidade: uma leitura borgiana de *Martín Fierro*”, igualmente lança luzes no processo de apropriação e reescritura de um texto clássico, *Martín Fierro*, de Hernandez, pelas mãos de Borges: os contos “Biografia de Tadeu Isidoro Cruz” e “O fim” propõem novas leituras de episódios do épico argentino, a partir da posição de observador do narrador borgeano que tanto acrescenta à história detalhes, quanto a modifica criativamente.

No mesmo sentido, “Uma viagem de Camões a Gonçalo Tavares e vice-versa” analisa a reescrita dos *Lusíadas* por Gonçalo Tavares em *Uma viagem à Índia*, concluindo pela paródia ácida e, portanto, bastante crítica, que a leitura contemporânea faz do épico português.

O artigo “Quando a literatura encontra a música: reflexões em torno de diálogos intertextuais em *Lisboaleipzig 2: o ensaio de música*, de Maria Gabriela Llansol” discute os mecanismos de intertextualidade e de interdiscursividade na obra da escritora portuguesa, a partir da integração entre música e poesia.

Do mesmo modo, as “Relações intermediáticas em *Vous n’avez envore rien vu* de Alain Resnais” privilegiam não a revisão de um clássico, mas o diálogo de duas artes, o cinema e o teatro, pela transposição das peças *Cher Antoine ou l’Amour raté* e *Eurydice*, de Anouilh, para dentro do discurso cinematográfico de Resnais, resultando em uma obra híbrida que a leitura pelo viés da intertextualidade coloca em relevo.

O texto “Intertextualidades literárias: Lídia Jorge e William Faulkner” discute a relação intertextual entre as obras da escritora portuguesa e do autor estadunidense, demonstrando que os processos de retomada se dão tanto no que diz respeito aos elementos do enredo quanto no que tange à linguagem.

Explorando outra face do tema deste volume, “Honoré de Balzac: diálogos entre a escrita cotidiana e a literatura” é voltado para o papel fundamental desempenhado pelos jornais na obra do escritor francês, o que evidencia a amplitude adquirida pelo conceito de intertextualidade no momento presente, pois não se limita a relações exclusivamente entre obras literárias e artísticas.

“Opostos, mas justapostos: os dois lados da educação n’O Ateneu, de Raul Pompéia, e em *Falange gloriosa*, de Godofredo Rangel” retoma os conceitos de hipertexto e hipotexto, a partir das concepções do crítico francês Gérard Genette.

Em “Entre a memória e a reinvenção: o exercício intertextual de Clarice Lispector”, a intertextualidade aparece a partir de citações, alusões e outros modos de referência a textos canônicos, formando uma teia complexa de vozes, num jogo infinito com a palavra do outro.

“De Conan Doyle a Márcio Souza: a amazônia ficcionalizada em o mundo perdido e o fim do terceiro mundo”, discute, entre outras coisas, a relação crítica estabelecida pelo autor brasileiro com os clichês da Amazônia, como floresta exuberante e perigosa, presentes na obra do escritor britânico.

Como se pode notar por esse breve sumário, o dossiê Intertextualidades Literárias contempla uma gama variada de escritores de diversos ramos linguísticos, tendo na pluralidade de temas, autores e até de suportes uma de suas maiores qualidades. Nesse sentido, é possível fazer aproximações entre determinados artigos, a partir da abordagem que eles fizeram do tema, ou mesmo a partir da orientação teórica que tomaram ou, ainda, a partir da língua dos autores estudados. Por fim, esperamos que o presente volume possa auxiliar nas discussões a respeito da Intertextualidade enquanto estratégia de composição literária e aproveitamos para agradecer aos autores, aos pareceristas e aos leitores.

Telma Maciel da Silva (UEL) e Laura Taddei Brandini (UEL)

(responsáveis pelo volume)